

# Variações sobre um azulejo barroco

## Anfitrião e Esopaida

José Oliveira Barata

<  
*Anfitrião ou Júpiter e Alcmena*,  
 de António José da Silva,  
 enc. Nuno Carinhas,  
 TNSJ, 2004  
 (Paula Diogo),  
 fot. João Tuna.



>  
*Anfitrião ou Júpiter e Alcmena*,  
 de António José da Silva,  
 enc. Nuno Carinhas,  
 TNSJ, 2004  
 (Anabela Faustino),  
 fot. João Tuna.



*Título: Anfitrião ou Júpiter e Alcmena* (1736). *Autor:* António José da Silva. *Encenação:* Nuno Carinhas. *Cenografia:* Ana Vaz. *Figurinos:* Bernardo Monteiro. *Voz e elocução:* João Henrique. *Música:* Vítor Rua. *Desenho de luz:* Carlos Assis. *Desenho de som:* Francisco Leal. *Interpretação:* Alberto Magassela, Anabela Faustino, Cátia Pinheiro, Hugo Torres, Isabel Queirós, Ivo Alexandre, João Pedro Vaz, Paula Diogo, Sérgio Praia, Tiago Castro. *Produção:* Teatro Nacional de S. João. *Local e data de estreia:* Teatro Nacional S. João, 17 de Setembro de 2004.

*Título: Esopaida ou vida de Esopo* (1734). *Autor:* António José da Silva. *Encenação:* Luís Miguel Cintra. *Cenário e figurinos:* Cristina Reis. *Desenho de luz:* Daniel Worm d'Assumpção. *Colaboração musical:* Vasco Pimentel. *Interpretação:* David Almeida, Dinis Gomes, Duarte Guimarães, José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra, Manuel Romano, Márcia Breia, Ricardo Aibéo, Rita Durão, Sofia Marques. *Produção:* Teatro da Cornucópia. *Local e data de estreia:* Teatro do Bairro Alto, 11 de Novembro de 2004.

"O século em que estamos é burlresco; e se o não é para todos o é para nós. Digam os cultos o que quiserem, se é que se podem entender estes cultos". Isto escrevia o Cego Astrólogo, António Pequeno, Filho Bastardo do Sarrabal Saloyo, crítico de serviço ao quotidiano lisboeta setecentista. Voz de "máscara" que escondia, por certo, uma verdadeira face civil culta e informada que, como muitas outras, alimentava a venda de prognósticos, folhinhas volantes numa evidente antecipação de *bordas d'água* e demais revistas "a cores" de difusão massificada.

Voz consciente também; e a ela se pode juntar no plano do "fazer" cultural a de muitos que, vivendo o contraditório desconforto que o barroco em si reúne, optavam por cultivar o *nonsense*, a paródia referencial como forma de expressar uma aguda razão servida pela *folie du voir*, para parafrasear o feliz título de Buci-Gluksmann. Este é o complexo palimpsesto que hoje se nos oferece quando relemos o "clássico" António José da Silva. Como sempre, perante um clássico, a inquietude das opções a tomar: apropriar mantendo ou apropriar-se remotivando.



<

*Esopaida*  
ou *vida de Esopo*,  
de António José da Silva,  
enc. Luís Miguel Cintra,  
Teatro da Cornucópia,  
2004  
(Luís Lima Barreto,  
Ricardo Aibéo, Rita Durão,  
Márcia Breia  
e Luís Miguel Cintra),  
fot. Luís Santos.

Num curto espaço de tempo, O Judeu esteve mais de uma vez presente nos palcos portugueses: no Porto, no Teatro Nacional S. João, e em Lisboa, no Teatro da Cornucópia. As encenações de Nuno Carinhas e de Luís Miguel Cintra evidenciam a manifesta vontade de dialogar com o nosso quotidiano. De formas diferentes na "forma"; de igual forma no respeito pela integridade textual do legado do Judeu. Em ambos os casos, porém, na busca do "burlesco deste século", recuperando um "neobarroco" de que tanto se falou nos anos 80 e 90 do século passado e que hoje no tempo de todos os "pós-" se pode caracterizar como ruptura com todas as narrativas pretensamente integradoras e estruturadas exclusivamente em função de uma razão moderna, canónica, inteira e, para alguns, avessa a todas as propostas desconstrutoras.

Ambos os encenadores optaram por uma leitura conservadora do texto, assegurando a sua inteireza. As pequenas intervenções operadas nunca chegam a justificar que se possa falar de profundo trabalho dramático. Aclararam-se sentidos, sacudiu-se alguma *patine* temporal

sem descaracterizar, em ambos as propostas, a lubricidade verbal em que António José da Silva era exímio.

O diálogo do clássico com o destinatário desta nossa sociedade também "burlesca" faz-se, porém, apostando na concepção global do espectáculo expressa em "formas" (também "fórmulas") que, não desprezando a informação histórica, propõem leituras apropriadoras que, parece voluntariamente, respeitam a "bondade semântica" dos textos escolhidos – o *Anfitrião* e a *Esopaida* – para os "repropor", não parecendo que haja qualquer intenção de desempoeirar o clássico através de uma qualquer gratuita "ventania antimetódica", sempre propicia a formas de pós-modernice onde o "falar" se vê substituído pelo "tagarelar". Não é aqui que encontramos diferenças entre as duas propostas. O diálogo com o "barroco passado" e o fascínio que ainda hoje nos seduz opera-se, em nosso entender, ao nível da construção de uma "estesia" que, em época de contrastes burlescos, se situa em campos e códigos sócio-culturais antinómicos. Simplificando e caricaturando por facilidade de exercício crítico, diria que

&gt;

*Esopaida*ou *vida de Esopo*,

de António José da Silva,

enc. Luís Miguel Cintra,

Teatro da Cornucópia,

2004

(Luís Miguel Cintra

e Rita Durão),

fot. Luís Santos.



&gt;

*Esopaida*ou *vida de Esopo*,

de António José da Silva,

enc. Luís Miguel Cintra,

Teatro da Cornucópia,

2004

(Luís Miguel Cintra

e Sofia Marques),

fot. Luís Santos.

Nuno Carinhas teve presente Mafra ou Queluz, Luís Miguel Cintra perdeu-se fascinadamente na contemplação de uma qualquer pobre talha dourada de uma igrejinha perdida no nosso Alentejo profundo. Talvez num pátio de casa *terrateniente* que também acolheria os bonecos de mestre Talhinhas. Daqui que me surja a ideia visualmente impressiva de dois azulejos. Um reproduzindo o fausto de um certo barroco esmagadoramente estetizante; outro que reproduz o pobre sanfoneiro anunciando a chegada dos titeres. Um que faz para gozo dos sentidos do destinatário; outro que está no corpo dos actores, nas arlequinades que "compensam" a pobreza de meios – em máquinas e tramóias – tornando-se assim parentes assumida e estrategicamente pobres de Sabbatini<sup>1</sup>.

No fundo, estamos na presença de duas faces da mesma moeda barroca. Daqui derivam evidentes encontros / desencontros com os destinatários de hoje. O peso "espectacular" que Nuno Carinhas imprimiu ao seu *Anfitrião* corre o risco de esbater a inteligibilidade de uma intriga que, sendo já de si "intrigante", nem sempre é clarificada nas suas mais profundas intenções (relações Poder / Amor, por exemplo), pois – e é apenas um exemplo – a estratificação social, essencial para a compreensão do jogo cénico, não surge claramente apresentada (representada!) quando Cornucópia se veste no mesmo costureiro que Iris, ou não faz passar o "chiste" das suas falas complementando-as com uma prática actorial em tudo contrastante com a eficácia cénica que Ivo Alexandre imprime ao seu Saramago. Todo o rigor colocado no desenho de luzes, no funcionamento da maquinaria, na originalidade das novas roupagens para as óperas, é por vezes prejudicado pela dificuldade dos actores em transmitir o que o encenador soube respeitar e que é de saudar: as cabriolas espectaculares do verbal.

O espectáculo da Cornucópia é "outro". Centrado na figura de Esopo, servido pelo experimentado *métier* de Luís Miguel Cintra, a *Esopaida* aposta no despojamento. Mais "sinalizado" do que "cenicamente narrado", todo o espectáculo assenta no mínimo para valorizar o trabalho lúdico dos actores. Uma árvore / ícone indica um jardim: o resto deixa-se à disformidade estranha do guarda-roupa, à pose melodramática com que se canta uma ária, deliberada mas cuidadosamente "mal cantada" numa assumida distorção da teatralidade postiça que o barroco também contempla. O piscar de olho à actualidade, tão fácil neste tipo de propostas, nunca é ostensivo; sobretudo nunca cai no gratuito. Um Temístocles entre o super-homem e o desarticulado herói *playstation* serve a caricatura; não chega nunca a distrair a atenção do



espectador. É um espectáculo onde tudo se encaixa como se tratasse de uma construção de *legos*. Vê-se o "fazer", mesmo quando a centralidade da personagem Esopo e a interpretação de Luís Miguel Cintra remetem para zonas de penumbra o jogo com outros intérpretes; e também aqui referiríamos a irmã de Cornucópia: Geringonça.

Eugénio D'Ors escreveu no seu pioneiro estudo sobre o barroco: "Sempre que encontramos reunidas num só gesto várias intenções contraditórias, o resultado estilístico pertence à categoria do Barroco". Este gesto de recuperação da obra do Judeu cumpre pois, as profundas contradições do barroco. Neste caso no palco forrado de azulejos ricos e pobres. Mas sempre reflectindo a luta agónica que o "fazer teatro" sempre traduz.

### Referências bibliográficas

- BUCI-GLUCKSMANN, Christine (1986), *La folie du voir: De l'esthétique baroque*, Paris, Gallilée.
- D'ORS, Eugénio (1991), *O Barroco*, Lisboa, Vega.
- SABBATINI, Nicola (1638), *Practica de fabricar scene e machine ne'teatri* [trad. fr. *Pratique pour fabriquer scènes et machines de théâtre*, 1994, Introd. Louis Jouvet, Ed. Ides et Calendes].

<sup>1</sup> Nicola Sabbatini

(1574-1654)

foi arquitecto e

"teorizador" de uma

prática cénica barroca

assente no uso

(e abuso) das tramóias.